



PAULO FREIRE E A TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO: UMA PRÁTICA LIBERTADORA.

Jaqueline Leandro Ferreira

PPGH – UFCG e-mail: jaquelineleandroferreira@hotmail.com

Resumo: Buscamos neste artigo problematizar a influência de Paulo Freire e sua obra *Pedagogia do Oprimido* (1968) para a Teologia da Libertação. Para tanto recorremos a fontes orais através de duas entrevistas, concedidas a pesquisadora, de membros da Igreja Católica, sendo eles, o padre Redentorista Cristiano Joosten, e o monge Beneditino Marcelo Barros, respectivamente de Campina Grande e Recife. Tal diálogo pôde destacar a relação da ideia de uma *prática libertadora* tanto na obra de Paulo Freire como na Teologia da Libertação. Tal relação ressaltam a importância do caráter prático e desenvolvimento crítico dos sujeitos para alcançarem sua libertação, entendendo-se, portanto, como sujeito histórico e transformador da sua condição social. Neste sentido a produção intelectual freiriana teve notória importância para o desenvolvimento de uma teologia libertadora, o que pode ser observado tanto nas entrevistas como também em autores considerados expoentes dessa teologia no Brasil e na América Latina. Ressaltamos essa influência, especialmente tomando como recorte a atuação de clérigos do Nordeste em detrimento do recorte de fontes feito para este artigo.

Palavras-chave: Paulo Freire, Teologia da Libertação, prática libertadora, Pedagogia do Oprimido.

Este artigo tem como objetivo problematizar a influência da obra de Paulo Freire, notadamente a *Pedagogia do Oprimido* (2014), escrito em 1968, mas, em virtude da ditadura militar no Brasil, só publicado em 1974, discutindo sua influência para o desenvolvimento da Teologia da Libertação, especialmente no Nordeste. Ao destacar a influência freiriana numa dada teologia no Nordeste não estamos querendo dizer que tal obra só tenha tido alcance nesta região, muito pelo contrário, já que as obras de Paulo Freire tiveram grande repercussão não só no Brasil como no mundo. Ao fazer tal recorte, pretendemos delimitar¹ um recorte espacial especialmente vinculado às fontes

¹ Essa delimitação diz respeito apenas a um recorte espacial em detrimento das fontes das quais dispomos para este artigo. Todavia, o diálogo com outros autores é extremamente relevante para compreendermos a influência de Paulo Freire para a Teologia da Libertação no Brasil. Sendo assim, será necessário em alguns momentos o diálogo com autores como Leonardo Boff, um dos mais importantes nomes dessa Teologia no Brasil e que, juntamente com tantos clérigos, dentre nomes como o de Dom Helder Câmara,



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

das quais recorreremos para tal discussão. Tratam-se, neste caso, de entrevistas orais de clérigos que atuantes em Igrejas Católicas do Nordeste, ressaltam a influência da obra de Paulo Freire para pensar uma teologia vinculada a uma prática libertadora e de justiça social.

Sendo assim, tomaremos como fonte, além da obra *Pedagogia do Oprimido* (2014)², entrevistas concedidas à pesquisadora de dois personagens, o padre Redentorista holandês Cristiano Joosten, membro da Comissão de Justiça e Paz³ da paróquia de Campina Grande entre as décadas de 1960 a 1980; e do padre Marcelo Barros, monge Beneditino e teólogo, secretário de Dom Helder e da arquidiocese de Olinda e Recife para o Ecumenismo e o Diálogo inter-religioso de 1967 a 1976. Esse artigo pretende recorrer a abordagem da História Oral⁴ como possibilidade metodológica para abordagem histórica. Tal diálogo será relevante para esta pesquisa, pois permitirá problematizarmos como “a narrativa dos que viveram ou presenciaram o tema pode informar sobre o lugar que aquele tema ocupava (e ocupa) no contexto histórico e cultural dado?” (ALBERTI, 2005, p, 30).

A Teologia da Libertação foi, na América Latina, uma reflexão⁵ sobre o papel da Igreja católica em um contexto marcado pelas fortes desigualdades sociais. Ancorada em um conjunto de obras e escritos produzidos na década de 1970, teólogos e clérigos

Dom José Maria Pires, Dom Manuel Pereira da Costa (clérigos atuantes no Nordeste) tiveram forte influência para a Teologia da Libertação.

² Neste artigo dispomos da edição 58ª da obra **Pedagogia do Oprimido** do ano de 2014.

³ A atuação da Comissão de Justiça e Paz, da Diocese de Campina Grande, se estendeu para além das questões sindicais do campo. Quando, por exemplo, no começo dos anos de 1980 surge o grupo de extermínio nomeado “Mão Branca” promovendo inúmeros assassinatos, a Comissão Diocesana de Justiça e Paz - que militava na causa dos Direitos Humanos e na luta sindical dos pequenos agricultores, desde a década de 1970 - conduziu as primeiras denúncias a esses assassinatos.

⁴ Ver ALBERTI, Verena. Manual de História Oral. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.

⁵ É importante salientar que a Teologia da Libertação enquanto reflexão teológica parte de uma meditação a partir das experiências práticas desenvolvidas nas CEBs (comunidades eclesiais de base) e no denominado ‘cristianismo da libertação’ onde, no Brasil, por exemplo, era evidenciado a partir dos movimentos de grupos católicos como a JUC (Juventude Universitária Católica) e a AP (Ação Popular). “O movimento desenvolveu-se no Brasil e na América Latina logo após o Concílio Vaticano II que ocorreu em meados da década de 1960. A Teologia da Libertação surgiu como teoria através do trabalho de teólogos progressistas da Igreja Católica que sentiam a necessidade de ordenar o processo de conscientização e organização política nascida da prática dos movimentos religiosos de leigos, das intervenções pastorais de base popular e das comunidades eclesiais de base, as CEBs”. (SILVA, 2007, p. 8).



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

passaram a pensar o evangelho a partir de um enfoque que ressaltasse a situação social dos países latino-americanos. A Teologia da Libertação surgia como resposta a uma sociedade caracterizada pela desigualdade social, opressão⁶, cerceamento das liberdades individuais, violação dos direitos humanos, etc. A Igreja Católica (na figura de alguns de seus clérigos), até então, indiferente aos problemas sociais desses países, passa por uma mudança substancial ao refletir sobre as lutas de libertação e, principalmente, sobre o abismo que havia entre a fé e a prática libertadora dos cristãos. “As primeiras elaborações da teologia da libertação se fazem quase em curto-circuito com as exigências políticas da luta libertadora, estabelecidas por uma análise marxista da opressão” (CATÃO, 1986, p. 82).

No Nordeste a Igreja católica, especialmente a partir de alguns nomes relevantes, como o de Dom Helder Câmara, Dom José Maria Pires, Dom Manuel Pereira da Costa, etc., contribuíram de forma decisiva para a discussão e o desenvolvimento de práticas vinculadas a uma Teologia da Libertação. A Revista *Horizonte, Estudos de Teologia e Ciências da Religião* da PUC Minas, publicou no ano de 2013 o Dossiê: *Teologia da Libertação 40 anos: balanço e perspectivas*⁷. Neste Dossiê destacamos a contribuição do historiador Iraneidson Santos Costa, intitulado *Eu ouvi os clamores do meu povo: o episcopado profético do nordeste brasileiro*⁸. Costa (2013) discute sobre o caráter político-ideológico do papel da Igreja Católica no Brasil a partir da segunda metade do século XX. Neste sentido, o autor destaca especial atenção ao que chama de “parcela mais combativa do episcopado brasileiro” (COSTA, 2013, p, 1463), a Igreja nordestina.

⁶ É bom lembrar que as décadas de 60 e 70 foram marcadas por Ditaduras, em alguns países latino-americanos, como no Brasil (1964), Bolívia (1971), Peru (1975), Argentina (1976).

⁷ Esse Dossiê conta ainda com uma série de contribuições sobre a Teologia da Libertação. Como o texto de João Batista Libânio, intitulado *Teologia em revisão crítica*. No qual o autor faz uma reflexão crítica sobre o surgimento e desenvolvimento da Teologia da Libertação e seus aspectos de libertação. Discuti ainda as perspectivas futuras e a ampliação do conceito de libertação em campos como: no diálogo inter-religioso, na questão das mulheres, da etnia e da ecologia. Ver mais em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2013v11n32p1328/5841>> Acesso: 30/05/2014.

⁸ Ainda sobre o estudo desse documento, ver artigo de: CALADO, Alder Júlio Ferreira. “Eu ouvi os clamores do meu povo”: um documento profético publicado no auge da ditadura empresarial-militar, no Brasil. João Pessoa, 9 fev. 2013. Disponível em: <<http://kairosnostambemsosigreja.wordpress.com/2013/02/09/eu-ouvi-os-clamores-do-meu-povo-um-documento-profetico-publicado-no-auge-da-ditadura-empresarial-militar-no-brasil-por-alder-julio-ferreira-calado/>>



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Nesta “parcela” ressalta a figura de alguns bispos⁹ que se inseriram, mais nitidamente, na participação política e que, por isso, foram alvos de vários debates em torno do envolvimento da Igreja com questões políticas e sociais. A abordagem feita por Costa (2013) dialoga com o conceito histórico-teológico de “episcopalismo profético”¹⁰ ressaltando a atuação dos bispos nordestinos e a elevada representação desse grupo no contexto nacional.

Por sua vez, a obra de Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido*, escrita em 1968 viria a revolucionar o modo de pensar a educação¹¹, especialmente aquela voltada para as classes desfavorecidas da sociedade. É neste sentido, por exemplo, que ressalta a importância de uma conscientização do ser, para que ele, enquanto oprimido, torne-se capaz de perceber sua condição e libertar-se, segundo Paulo Freire:

Quem, melhor que os oprimidos, se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles, os efeitos da opressão? Quem, mais que eles, para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. (FREIRE, 2014, p. 43).

⁹ Dentre estes, destaca de forma rápida os nomes de Dom José Maria e Pires (arcebispo da Paraíba) e Dom Manuel Pereira da Costa (bispo da Diocese de Campina Grande).

¹⁰ O autor dialoga com esse conceito a partir da ideia clássica discutida por Thomas Bruneau (1974) – cientista político de formação - fazendo, contudo, alguns distanciamentos, especialmente das perspectiva institucionalistas. Recorreu à noção de missão profética de João Francisco de Moraes (1982), que dedicou esse conceito ao estudo do pensamento social da CNBB. Costa (2013) entende este último como uma das melhores contribuições no estudo do episcopado profético brasileiro, por isso, utilizou, mais nitidamente, à noção desenvolvida por ele.

¹¹ Vale lembrar que a escolha da obra *Pedagogia do Oprimido* (1968) para essa discussão se baseia no forte impacto que a mesma teve no Brasil e no mundo bem como pela recorrência que os entrevistados para esta pesquisa deram a tal obra, foi através dela que o conhecido Método Paulo Freire se consagrou. No Brasil, especialmente, pela vigência da ditadura militar a mesma só viria a ser publicada em 1974. Seus escritos, palestras, cursos, etc., também influenciaram e tiveram grande ressonância para intelectuais, pedagogos e pessoas engajadas nas causas sociais. Contudo, isso não quer dizer que só a partir da publicação da obra *Pedagogia do Oprimido* (1968) as questões concernentes a uma pedagogia que levasse em conta o meio social do aluno, a criticidade da sua condição, etc., só venham com esta obra. Desde o início da década de 1960, por exemplo, mais precisamente no ano de 1962, Paulo Freire dirigiu um plano piloto de alfabetização de jovens e adultos na cidade de Angicos, no Rio Grande do Norte, com 300 trabalhadores rurais que se alfabetizaram em cerca de 45 dias, fazendo, assim, com que seu método passasse a ser conhecido e discutido no Brasil e no mundo.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Sendo assim, a ideia de libertação em relação à dada condição social passa pelo próprio sujeito, não está, simplesmente, na condução de um outrem. Assim seria necessário que no papel pedagógico se desenvolvesse um posicionamento em que, de forma crítica, levasse os sujeitos a pensarem na opressão ou na sua condição menos favorecida, para então, refletindo sobre suas causas, fosse possível que os sujeitos pudessem engajar-se na luta por sua libertação. Ora, é importante destacar que para Paulo Freire essa luta pela libertação não deve ser confundida com uma troca de posicionamento na sociedade, ou seja, não se trata de fazer com que o oprimido, tomando consciência da sua condição pudesse lutar e “virar o jogo” tornando-se ele também opressor. Dessa forma “um dos polos da contradição pretendendo não a libertação, mas a identificação com o seu contrário” (FREIRE, 2014, p, 44), ou seja, ao invés da luta pela libertação o sujeito procuraria trocar de lugar tornando-se também opressor, dando continuidade a uma conjuntura de desigualdades.

Para Freire, seria necessário não só um posicionamento e uma práxis (prática) libertadora do ponto de vista do oprimido, mas a solidariedade do opressor, sendo ela também consciência de uma estrutura de sociedade onde a desigualdade e injustiça prevalecem e mantêm uma sociedade desigual. Segundo Freire:

Solidarizar-se com estes é algo mais que prestar assistência a trinta ou a cem, mantendo-os atados, contudo, à mesma posição de dependência. Solidarizar-se não é ter a consciência de que explora e “racionalizar” sua culpa paternalisticamente. A solidariedade, exigindo de quem se solidariza que “assuma” a situação de com quem se solidarizou, é uma atitude radical. (...) a solidariedade verdadeira com eles está em *com* eles lutar para a transformação da realidade objetiva que os faz ser este “ser para outro”. (FREIRE, 2014, p, 49).

Não obstante, é possível identificar nas palavras do padre Redentorista Cristiano Joosten certa referência a essa ideia freiriana acima citada. Ao ser questionado sobre o caráter assistencialista defendido por alguns membros da Igreja Católica, o Pe. Cristiano Joosten ressalta:



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Diante disso é como uma posição de Dom Helder Câmara, diante da situação calamitosa do próximo, do outro, qualquer ser humano tem que reagir, tanto o assistencialismo fica sempre como uma parte necessária, mas não pode fechar, simplesmente deixar alguém morrer na porta do hospital. (...)E o assistencialismo fica sempre, né? Portanto também umas campanhas como o natal sem fome, essas coisas todas que são organizadas por aí nas paróquias é justo, é necessário, é muito, muito bom. Agora que todo mundo sabe também que isso tem problemas, porque que aquelas pessoas estão na necessidade? (...)Então o sentido de ajuda de casos concretos e de modo imediato, isso vai ficar sempre parte necessária. Mas a sempre que se perguntar porque acontece e ver a causa e recolocar na medida a coisa da verdadeira causa da desordem. Bom acho que isso é aceito por todo mundo, a prática precisa de muita disciplina. (JOOSTEN, 2014)¹².

Podemos observar no depoimento do padre Redentorista Cristiano Joosten uma recorrência a ideia de uma prática de conscientização e questionamentos dos problemas sociais aos quais estão inseridos, principalmente, aqueles menos abastados. Sabe-se que a própria Teologia da Libertação ressalta de forma contundente a necessidade de um caráter prático nas atitudes de clérigos e mesmo da Igreja Católica. É neste sentido que, por exemplo, autores como Leonardo Boff (1982) destaca a importância de se diminuir o abismo existente entre a teoria e a prática. Tal tarefa só seria possível a partir de um engajamento prático da Igreja e dos seus membros fazendo uma opção preferencial pelos pobres¹³. Segundo Boff:

O sujeito histórico desta libertação seria o povo oprimido que deve elaborar a consciência de sua situação de oprimidos, organizar-se e articular práticas que intencionem e apontem para uma sociedade alternativa menos dependente e injustiçada. (BOFF, 1982, p, 24).

¹² Entrevista do Pe. Redentorista Cristiano, concedida à pesquisadora no dia 22 de julho de 2014. O Pe. Redentorista Cristiano Joosten, autorizou a publicação dessas informações geradas através de entrevistas, assinando o documento de *Cessão de Direitos sobre depoimento oral*.

¹³ Especialmente com a III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano ocorrida em Puebla, no México, refletindo sobre as medidas do Concílio Vaticano II e da Conferência anterior ocorrida em Medellín, vários clérigos e teólogos aprofundaram a reflexão quanto ao envolvimento da Igreja nas questões sociais, especialmente na América Latina. Apesar de essa conferência, em relação a anterior de Medellín, ter apresentado uma maior atenção por parte do Vaticano, no papado de João Paulo II, notadamente preocupado com a abrangência que estava tomando a Teologia da Libertação, ainda assim o documento final desta conferência teve como principal característica uma *Opção Preferencial Pelos Pobres*.



É importante, portanto, perceber como determinados traços e ideias freirianas influenciaram a Teologia da Libertação. Deve-se levar em conta, ainda, que tanto Paulo Freire quanto os teólogos da libertação, como Leonardo Boff e Gustavo Gutierrez, tiveram inspirações de pensamentos especialmente ligados a uma ideologia de esquerda, como o próprio marxismo, por exemplo. O que chamamos atenção, nesta pesquisa, é para a forte influência que a obra de Paulo Freire teve, especialmente, para muitos membros da Igreja católica do Nordeste. Segundo Oliveira (2013):

A Igreja católica se envolve em vários desses movimentos patrocinando alguns deles como o MEB (Movimento de Educação de Base). O trabalho social em comunidades desenvolvidos pelo serviço social, que mantém estreita vinculação com a Igreja, recebe influência desse novo posicionamento dos cristãos de esquerda que particularmente no Nordeste, a partir de 1962, adquire uma linha reivindicatória e politizada baseada no pensamento freireano. (OLIVEIRA, 2013, p, 2).

A vinculação da Teologia da Libertação e o pensamento freiriano no Nordeste parecem ter sido ressaltados graças a um contexto com vários problemas sociais, notadamente, ligados ao campo, como pode ser percebido com a abrangência das lutas camponesas. Neste sentido é que a Igreja Católica, especialmente através de alguns de seus clérigos se uniram na luta em favor das questões ligadas ao campo. É manifesto também a participação da Igreja Católica em movimentos como o MEB¹⁴ (Movimentos de Educação de Base) que no ano de 1964 se vincula as propostas de alfabetização do método Paulo Freire. É recorrente nas falas dos entrevistados para esta pesquisa a presença marcante de Freire para os bispos mais engajados em uma teologia libertadora. Assim relata, por exemplo, o padre Redentorista Cristiano Joosten ao falar sobre a experiência do bispo de Campina Grande, Dom Manuel Pereira com Paulo Freire:

14 “Criado pela Igreja Católica, através da Conferência Nacional de Bispos do Brasil, no início de 1961, o MEB foi prestigiado pelo Governo Federal, reconhecendo sua criação por decretos da Presidência da República, e apoiado por vários convênios, particularmente com o Ministério da Educação e Cultura. No primeiro momento, seu objetivo principal era desenvolver um programa de educação de base por meio de escolas radiofônicas com recepção organizada, principalmente nas zonas rurais das áreas subdesenvolvidas do Norte, Nordeste e Centro-Oeste”. Arquivo MEB — Movimento de Educação de Base. Disponível em: <http://www.fe.ufjf.br/proedes/arquivo/meb.htm> Acesso: 07/07/2015.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Bom, o Dom Manuel, ele já tinha um embasamento muito bom como jovem bispo em Nazaré da Mata, conheceu a entrada da cana e sabia a situação difícil do agricultor e tava sempre ligado com isso. E depois como bispo jovem ele também participou com uns bispos aqui do nordeste de um curso de aprofundamento com o Paulo Freire, né? E naqueles tempos de 60 e acho que isso abriu os olhos dele para a situação do oprimido. (...) Paulo Freire tem aquele livro mais conhecido dele, né? A pedagogia do oprimido. Então o Dom Manuel estava assim preparado. E no concílio em que o papa disse que a Igreja tem que ser servidora da humanidade e no meio da humanidade de modo especial dos mais pobres, dos excluídos. Então aí acho que ele e os outros bispos perceberam né? O conforto naquilo que eles já estavam fazendo. Isso então ajudou. Depois do Concílio juntamente com Dom Helder Câmara, no concílio houve um encontro com os bispos, especialmente da América latina e que fez nascer o “pacto das catacumbas”. De fato, é um fato acontecido e que, muito a partir disso surgiu a teologia da libertação. Porque a teologia da libertação é pensar no povo que está se libertando, então, ajudar esse povo a encontrar dentro do evangelho e da tradição da Igreja motivação para fazer isso melhorar ainda mais. Porque a Teologia da Libertação não vem caindo do céu diretamente, mas, é a partir, vamos dizer, de um engajamento da Igreja da base e também de um bocado de bispos que respondesse de fato ao apelo do evangelho. (JOOSTEN, 2014).

O Padre Redentorista Cristiano Joosten foi um dos membros católicos atuantes nas questões sociais na cidade de Campina Grande. Ele foi uma espécie de “braço direito” do bispo da mesma cidade, Dom Manuel Pereira da Costa, o qual também teve uma atuação muito íntima nas lutas junto com os mais pobres, especialmente no campo. Na documentação consultada no Arquivo Arquidiocesano da Paraíba, é possível encontrar várias cartas de Dom Manuel Pereira da Costa endereçadas a Dom José Maria Pires, Dom Helder Câmara, entre outros, cujas correspondências mantêm um constante contato ressaltando uma preocupação com as questões sociais e direitos humanos. Neste sentido podemos perceber essa relação prática da proposta freiriana nas ações destes clérigos. Para tanto, a obra *Pedagogia do Oprimido* (1968) de Paulo Freire, assim como suas demais obras sobre o assunto, palestras, etc., ajudaram a pensar uma teologia que não terminasse em posicionamentos teóricos, mas que destacassem a importância de um posicionamento prático. “A práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimidos”. (FREIRE, 2014, p, 52).

Enquanto a teoria embasa discussões e tem sua importância enquanto reflexão crítica, a prática seria capaz de transformar a realidade social. Para o teólogo e monge beneditino Marcelo Barros, secretário de Dom Helder e da arquidiocese de Olinda e Recife, de 1967 a 1976, e hoje assessor nacional das comunidades eclesiais de base e de movimentos sociais, como o MST (Movimento de Trabalhadores sem Terra), a “intuição freiriana de educação é libertadora” (BARROS, 2015)¹⁵ e sua influência aos teólogos e clérigos se deveu ainda porque “Paulo Freire sempre assumiu com toda clareza sua convicção cristã e que sua opção revolucionária tinha como fonte primeira o evangelho de Jesus. (BARROS, 2015)”.

Pois bem, é necessário, contudo, atentar para as divergências concernentes ao posicionamento desses clérigos vinculados a uma teologia libertadora e a Igreja Católica enquanto instituição, lembrando ainda que tal contexto é marcado pelo período de ditadura militar no Brasil. Muitas reações contrárias ao posicionamento de membros da Igreja em questões políticas e sociais foram expressas, especialmente, com o papado do polonês João Paulo II¹⁶, como também do próprio Estado ditatorial que via nesses posicionamentos uma ameaça a “Segurança Nacional”. Nessa esteira o que se vê são inúmeros conflitos e vigilância para tentar cessar tais posicionamentos. Na cidade de Campina Grande, por exemplo, o padre Redentorista Cristiano Joosten destaca o cenário decorrente da ditadura militar:

Então, a partir da revolução, acho que no começo, em 66 ou 67, o major Câmara que era o comandante aqui da cidade convidava os dirigentes das SABs para fazer mensalmente uma reunião com ele. Aí então, dizia, cuidado com os padres porque tudo é comunista (risos). Fazia questão de dizer! E dizia, se vocês querem ter apoio dos

¹⁵ Entrevista do teólogo e monge beneditino Marcelo Barros, concedida à pesquisadora no dia 20 de junho de 2015. O teólogo e monge beneditino Marcelo Barros, autorizou a publicação dessas informações geradas através de entrevistas, assinando o documento de *Cessão de Direitos sobre depoimento oral*.

¹⁶ segundo Brito (2008), “Pois bem, Karol Wojtyła vinha de uma experiência pessoal bastante negativa com o socialismo, ele era polonês e vivia na dura realidade da Cortina de Ferro, o que se somava à histórica postura Católica de franco anticomunismo. Diante de tal disposição pessoal e de uma correlação de forças francamente conservadora, João Paulo II veio a decepcionar seus aliados de conclave que estavam nos marcos do catolicismo progressista.” (BRITO, 2008. p. 29).



organismos do estado e do município em termo de dinheiro, então vocês cuidam de ficar longe desses padres. (JOOSTEN, 2014).

A ideia de que os padres ligados as questões políticas e sociais eram comunistas é algo recorrente na acusação do Estado como também de membros mais conservadores da Igreja Católica. Ora, é possível identificar também na documentação dos arquivos do DOPS¹⁷, vários documentos que fazem referência a atuação de bispos e padres nas Comunidades Eclesiais de Base, no envolvimento da Igreja nas questões sociais, onde esses documentos acusam a atuação desses clérigos de comunistas, subversivos, etc. O aprofundamento desse debate, contudo, será feito em outro momento.

Portanto, podemos concluir que assim como já explicitado no decorrer desta pesquisa a relação entre a obra de Paulo Freire, *Pedagogia do Oprimido* (1968), e as reflexões da Teologia da Libertação se relacionam, especialmente, por reforçar o caráter libertador da educação através de uma práxis libertadora. Ressaltando a importância da prática para que o sujeito possa se identificar enquanto sujeito histórico e crítico capaz de tomar consciência da sua condição de oprimido e lutar pela liberdade que, assim como já destacado, não trata-se de ascender e tornar-se também ele sujeito de poder, mas de transformar a sua realidade e a do outro. Neste sentido, pensar a influência que esta obra exerceu nos membros católicos no Nordeste é também levar em conta a relação do próprio Freire e suas experiências e contatos com a educação nessa região. Essa pesquisa, contudo, recorre a esse recorte espacial, como já ressaltamos, muito em detrimento das fontes recortadas para esta pesquisa, portanto não foi nossa intenção reduzir a influência de Paulo Freire a esta região, pois seria isso algo de grande equívoco. As obras de Paulo Freire, bem como sua atuação enquanto pedagogo e intelectual deixaram um grande e rico legado para a educação e a prática libertadora dos sujeitos.

¹⁷ Os arquivos do DOPS encontram-se digitalizados e foram cedidos a pesquisadora pelo professor Dr. Luciano Mendonça de Lima (UFCG).



II CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Referências Bibliográficas:

- ALBERTI, Verena. Manual de História Oral. 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2005.
- Alves, Marcio Moreira. **A Igreja e a política no Brasil**. Editora: Brasiliense. 1979.
- BOFF, Leonardo. **Igreja: carisma e poder. Ensaio de Eclesiologia Militante**. 3ª edição. Editora Vozes: Petrópolis, 1982.
- CATÃO, Francisco. O que é Teologia da Libertação. 2ª ed. Editora brasiliense, São Paulo, 1986.
- COSTA, Iraneidson Santos. Eu ouvi os clamores do meu povo: o episcopado profético no nordeste brasileiro. *In: Dossiê: Teologia da Libertação 40 aos: balanço e perspectivas – Revista Horizonte*, Belo Horizonte, v. 11, n. 32, p. 1461 – 1484, out/dez. 2013.
- BRITO, Lucelmo Lacerda de. **Uma análise da polêmica em torno do livro “Igreja: carisma e poder”, de Leonardo Boff, na Arquidiocese do Rio de Janeiro**. Dissertação apresentada a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 58. Ed. Ver e atual. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- Giacomelli, Gabriele. **'Igreja Viva' Uma Análise da Dimensão Educativa da Ação Pastoral Popular da Arquidiocese da Paraíba (1966-1973)**. Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Educação da Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2001.
- OLIVEIRA, Valéria Costa Aldeci de. **A influência do pensamento de Paulo Freire para o Serviço Social do nordeste brasileiro- 1950 a 1963**. VIII Colóquio Internacional Paulo Freire - Educação como prática da liberdade: saberes, vivências e (re) leituras em Paulo Freire. UFPE, Recife, 2013.
- PEREIRA, Vanderlan Paulo de Oliveira. **Em nome de Deus, dos pobres e da libertação: Ação pastoral e política em Dom José Maria Pires, de 1966 a 1980**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em História do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa, 2012.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

SILVA, Bruno Marques. **Fé, razão e conflito. A trajetória intelectual de Leonardo Boff.** Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2007.

Arquivo MEB — Movimento de Educação de Base. Disponível em: <http://www.fe.ufrj.br/proedes/arquivo/meb.htm> Acesso: 07/07/2015.

Documento final da III Conferência Geral do Episcopal Latino-americana. Disponível em: http://www.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20130906182452.pdf?PHPSESSID=6fa1b33e3b82de1acf51b1db1e7654e7 Acesso: 07/07/2015.